



INTER
FACES
CIENTÍFICAS

EDUCAÇÃO

ISSN IMPRESSO 2316-333X

ISSN ELETRÔNICO 2316-3828

Artigos de demanda contínua

VIOLÊNCIA NA ESCOLA: O BULLYING E OS DESARRANJOS DA CONTEMPORÂNEIDADE

Leonardo Matos Feitoza¹

Dinamara Garcia Feldens²

RESUMO

O presente trabalho propõe reflexões a cerca da violência escolar, apontando o bullying como um fenômeno social da contemporaneidade, buscando pensar esta prática como uma das mais comuns manifestações presentes no espaço da escola que permanece despreparada para os desafios que estes novos tempos apresentam. O artigo procura entender a violência contemporânea, a intolerância e as relações que produzem ações violentas como forma de resolver conflitos, desencontros, desavenças, frustrações e lacunas, sejam materiais ou simbólicas. Este texto

apresenta resultados parciais de uma pesquisa que foi realizada em duas escolas da capital sergipana, Aracaju, em um universo de quase 400 estudantes da rede particular e pública de ensino a luz das reflexões de Bauman (2005), Fante (2005), Maffesoli (2004), Lowy (2000), Foucault (1999) e Giddens (1991).

PALAVRAS-CHAVE

Educação. Violência. *Bullying*. Contemporaneidade. Escola.

ABSTRACT

This paper proposes reflections about school violence, bullying pointing as a social phenomenon of contemporary, seeking think this practice as one of the most common manifestations present in school that remains unprepared for the challenges that these new times feature space. The article seeks to understand contemporary violence, intolerance and relationships that produce violent actions as a way of resolving conflicts, misunderstandings, disagreements, frustrations and shortcomings, whether material or sym-

bolic. This paper presents partial results of a survey that was conducted in two schools in the capital of Sergipe, Aracaju, in a universe of nearly 400 students from private and public schools of the light reflections of Bauman (2005), Fountain (2005), Meffesoli (2004) Lowy (2000), Foucault (1999) and Giddens (1991).

KEYWORDS

Education. Violence. *Bullying*. Contemporary. School.

RESUMEN

Este artículo propone reflexiones sobre la violencia y el acoso escolar, señalados como fenómenos sociales contemporáneos, buscándose pensar ésta práctica, como una de las manifestaciones más comunes presentes en el ámbito escolar, y como retos presentes en los nuevos tiempos. El artículo busca entender la violencia contemporánea, la intolerancia y las relaciones que se producen en éstos actos de violencia, conflictos, malentendidos, desacuerdos, frustraciones y carencias, tanto materiales como simbólicas. Este trabajo, presenta los resultados parciales

de una encuesta que se llevó a cabo en dos escuelas en la capital de Sergipe, Aracaju, en un universo de cerca de 400 estudiantes de escuelas públicas y privadas de la luz reflexiones Bauman (2005), Fuente (2005), Meffesoli (2004) Lowy (2000) Eddy (1999) y Giddens (1991).

PALABRAS CLAVE

La educación. La violencia. La intimidación. Contemporáneo. La escuela.

1 INTRODUÇÃO

As pesquisas no campo da educação vêm debruçando-se sobre temas relacionados aos mais diferentes campos do conhecimento, sempre em busca de aprimorar discussões e refletir acerca do espaço educacional e todo o conjunto de valores que constroem o ambiente ideal para proliferação dos saberes.

Desse modo, nas últimas décadas, educadores vêm refletindo sobre os diferentes conflitos existentes na escola contemporânea, a exemplo da violência que tem crescido no ambiente escolar ou esgarçando-se a ele, em sua dupla condição de objeto teórico e fenômeno empírico, assim como os mecanismos institucionalizados para a administração dos mesmos. Se, por um lado, as décadas mais recentes têm apontado para a multiplicação do conhecimento e da reflexão sobre fatos e fenômenos da violência, por outro, novas dinâmicas e novas manifestações desses mesmos fatos apontam a pertinência de se insistir no debate, na análise e na pesquisa de novos (e antigos) acontecimentos nos quais a violência desponta como conteúdo de inúmeros e variados processos sociais.

Amparados por um bom dicionário de português, o termo violência é descrito como uma “qualidade ou estado do que é violento; força empregada contra o direito natural de outrem; ação que se faz com o uso da força bruta; crueldade; força; tirania; coação”. Neste sentido, a violência significa obrigar um indivíduo a fazer algo, utilizando-se da força para coagi-lo.

Desde sempre o homem foi vítima e protagonista da violência na humanidade, basta reportar-se ao medievo e ver-se os enforcamentos de mulheres inocentes que eram acusadas de bruxaria pela Santa Inquisição; homens que lutavam na antiguidade até a morte nos coliseus para deleite da assistência; o violento e longo processo de colonização das novas terras a partir do século XIV, entre inúmeros conflitos que assolaram diferentes sociedades.

Mas o que intriga os estudiosos da contemporanei-

dade é como a violência assumiu um caráter tão assustador, atingindo níveis nunca antes imaginados, como os que se presencia no último século, encarnando de maneira mais acabada a “modernidade da barbárie” com o genocídio nazista, a bomba atômica em Hiroshima, o Goulag stalinista e as guerras norte-americanas no Vietnã e no Iraque, promovendo no século XX o que nunca se tinha visto em tempo algum, a banalização da morte e, por correspondência direta, a banalização da vida. Tornando a violência moderna um exemplar do progresso da barbárie contemporânea.

Na verdade, Auschwitz e Hiroshima não são em nada uma “regressão à barbárie” – ou mesmo uma “regressão”: não há nada no passado que seja comparável à produção industrial, científica, anônima e racionalmente administrada da morte em nossa época. Basta comparar Auschwitz e Hiroshima com as práticas guerreiras das tribos bárbaras do século IV para se dar conta de que não têm nada em comum: a diferença não é somente na escala, mas na natureza. É possível comparar as práticas mais “ferozes” dos “selvagens” – morte ritual do prisioneiro de guerra, canibalismo, redução das cabeças etc. – com uma câmara de gás ou uma bomba atômica? São fenômenos inteiramente novos, que não seriam possíveis a não ser no século XX. (LOWY, 2000, p. ?)

Nas sociedades contemporâneas, a violência passa por uma série de transformações, a partir do século passado, gerando um novo paradigma da violência, renovando percepções que dela se tem e suas representações, que funcionam por excesso e por carência numa escala global. Transformações estas que são, também, uma resposta às mudanças colocadas pelo capitalismo tardio ou pela assim chamada globalização (BAUMAN, 1999)

O “Breve Século XX”, como o nomeia Hobsbawm, é a representação da especialização que passou à violência moderna, um verdadeiro progresso regressivo, pois estas atrocidades tecnologicamente aperfeiçoadas e burocraticamente organizadas pelo Estado pas-

saram a níveis superiores de violência, adquirindo características qualitativas. “Trata-se de uma barbárie especificamente moderna, do ponto de vista de seu ethos, de sua ideologia, de seus meios, de sua estrutura” (LOWY, 2000, p. ?)

A indagação que instiga e aguça o olhar do pesquisador, nos mais diferentes campos das ciências sociais, e que aqui é proposto trabalhar, refere-se às razões e aos condicionantes para que uma pluralidade de atores sociais opte de modo recorrente, pela violência como forma de resolver conflitos, desencontros, desavenças, frustrações e lacunas, materiais e simbólicas. Partindo desse eixo condutor, surgem as contribuições centradas na análise das múltiplas manifestações empíricas da violência.

A modernidade, ao tentar organizar o mundo sob sua perspectiva, estabeleceu o contrário, produzindo formas de exclusão, fronteiras e anomalias entre as relações humanas, suas formas de vida e de lidar com o mundo. Os indivíduos ficaram duvidosos de seus valores frente à sociedade do consumo, encontrando-se perdidos ao ter que perceber o que é dentro dele e o que é fora, o que importa e o que não importa, a ordem e a desordem. As percepções se tornam conflituosas, presidindo o aspecto da descartabilidade (BAUMAN, 2005)

No mundo contemporâneo, os seres humanos são permanentemente confrontados com a possibilidade de serem apontados como redundantes, supérfluos, indiferentes, caracterizando-se como uma geração constituída por mal-estares, sentimentos de aflição, insegurança, depressão, ansiedade, sendo estes tempos marcados pela exclusão que cresce a cada dia, impondo constantemente novas exigências, qualificações para está inserido no mundo social, das quais a nossa estrutura física e psíquica não está preparada para lidar com a grande velocidade dessas mudanças, gerando uma série de problemas que nos criam ainda mais incertezas quanto aos fins da ação humana.

Nesse processo de traumatização das relações só-

cias contemporâneas, geradoras das mais diferentes formas de violência, que se produz o refugio humano, aqueles excluídos que não puderam ou não quiseram ser reconhecidos, sendo este um produto inevitável da atual conjuntura, tornando-se consequência inseparável da modernização, efeito colateral da construção da ordem e do progresso econômico. (BAUMAN, 2005)

É no contexto da contemporaneidade que uma pluralidade de estilos e costumes, vindo com a modernidade, encontra-se totalmente radicalizados, exigindo dos sujeitos maior autonomia em suas ações, sendo a reflexividade a saída apresentada para construção de formas mais democráticas de convivência privada e pública, pois num ambiente reflexivo as pessoas tornam-se mais solidárias e abertas para um relacionamento “puro”, baseado na confiança e no respeito, levando essas atitudes para o espaço público (GIDDENS, 1990)

Dentro desse caldeirão chamado contemporaneidade, inundado por turbilhões de incertezas e ansiedades que se pretende mergulhar, apontando nesse contexto a violência como uma das principais rotas para resolução de conflitos e frustrações, pois assim consegue-se compreender o *bullying* como um fenômeno social da contemporaneidade, que se manifesta de maneira veemente nas escolas, não se esquecendo, é claro, de buscar enfatizar os sujeitos envolvidos.

2 BULLYING: SUJEITOS E EFEITOS NA CONTEMPORANEIDADE.

A instituição escolar moderna organiza-se sob uma tradição moral judaico-cristã, construindo ao longo de toda a sua história, uma visão de mundo em que o bem e o mal são valores absolutos e universais, e que o objetivo de todo código moral é desviar a ação individual e coletiva em busca do bem para combater o mal. Isso se deve a toda influência que as grandes correntes de pensamento ocidental, como a filosofia cristã, o Iluminismo e o Marxismo formaram na construção do bem absoluto, isto é, uma sociedade ideal

e um comportamento individual ideal, combatendo toda e qualquer imperfeição relacionada ao comportamento social-individual humano, associada com o mal (MAFFESOLI, 2004).

Com uma estrutura quase que blindada a escola contemporânea ainda preserva uma tradição moderna, racional e cientificista, cria conceitos e definições delimitadoras, homogêneas e unilaterais, impedindo a amplitude de novos olhares e discussões acerca dos atuais problemas, permanecendo despreparada para os desafios que a complexa contemporaneidade traz, sendo a violência um dos maiores desafios a enfrentar, pois essa vem assumindo proporções que a instituição escolar não consegue ainda lidar, pois busca soluções globais, enquadrando os sujeitos envolvidos como se estivessem em um só contexto.

Contudo, como destaca Michel Maffesoli, as imperfeições da humanidade são tão sólidas como o conceito de *bem* (o ideal) e *mal*, o que faz ambos os valores ter características muito mais relativas do que absolutas, o chamado “relativismo moral”. Além disso, muitas tradições morais fora do universo judaico-cristão (como o paganismo clássico, o animismo africano e o espiritualismo asiático) não se preocupam em combater o mal, mas sim aceitar que o mesmo faça parte do mundo. Isto é, as imperfeições humanas devem ser toleradas pelas pessoas para que se possa ter uma visão holística da vida.

Essas imperfeições são, em suma, o vínculo com a natureza; na moral judaico-cristã, o bem é associado ao homem civilizado, racional e criado à forma e semelhança de Deus, o “bem máximo”, enquanto que o mal é associado ao homem animal, selvagem, bárbaro, com paixões e libidos voláteis e momentâneas. Contudo, o homem é ao mesmo tempo racional e animal, portanto, ambos os valores estão presentes em seu comportamento, e isso é perfeitamente natural.

Desse modo pretende-se neste trabalho tratar de

um delicado tema da contemporaneidade, a violência na escola, apontando nosso campo de análise ao *bullying*, fenômeno muito comum no espaço escolar contemporâneo, mas que ainda é por vezes negado, tornando-se urgentes análises aprofundadas sobre esta temática.

O termo *bullying* tem origem na palavra inglesa *bully*, que significa valentão, brigão. Como verbo, significa ameaçar, amedrontar, tyrannizar, oprimir, intimidar, maltratar, referindo-se a todas as formas e atitudes agressivas, verbais ou físicas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente e são exercidas por um ou mais indivíduos, causando dor e angústia, com o objetivo de intimidar ou agredir outra pessoa sem ter a possibilidade ou capacidade de se defender, sendo realizadas dentro de uma relação desigual de forças ou poder.

Ainda não existe termo equivalente em português, mas alguns psicólogos estudiosos do assunto o denominam “violência moral”, “vitimação” ou “maltrato entre pares”, uma vez que se trata de um fenômeno de grupo em que a agressão acontece entre iguais, neste caso estudantes. Como é um assunto estudado há pouco tempo (as primeiras pesquisas são da década de 1990) ainda se tem muito a trabalhar com esta temática, pouco abordada no Brasil, mas que já apresenta as mais diferentes manifestações em nossa sociedade.

O bullying é um conceito específico e muito bem definido, uma vez que não se deixa confundir com outras formas de violência. Isso se justifica pelo fato de apresentar características próprias, dentre elas, talvez a mais grave, seja a propriedade de causar “traumas” ao psiquismo de suas vítimas e envolvidos. Possui ainda a propriedade de ser reconhecido em vários outros contextos, além do escolar: nas famílias, nas forças armadas, nos locais de trabalho (denominado de assédio moral), nos asilos de idosos, nas prisões, nos condomínios residenciais, enfim onde existem relações interpessoais. (FANTE, 2005, p. ?).

Nas escolas, são muitos os exemplos de atitudes

agressivas capazes de causar sofrimento e angústia. É comum vivenciar casos de estudantes introvertidos, intimidados pelos alunos mais “fortes” e desinibidos; a menina que carrega o apelido de baleia; o garoto conhecido por quatro olhos, outro chamado de palito; um pequeno que apanha dos colegas maiores para que passe seu dinheiro ou mesmo seu lanche e muitos outros que são acusados de não apresentarem condutas sexuais definidas, neste caso os meninos sofrem mais, sinalizando-se assim uma gama diversa de ofensas morais e físicas, o que aqui se pode chamar de uma nova prática de suplício, não mais com as características que tinha até meados dos oitocentos.

Dentre tantas modificações, atendo-me a uma: o desaparecimento dos suplícios. Em algumas dezenas de anos, desapareceu o corpo supliciado, esquartejado, amputado, marcado simbolicamente no rosto ou no ombro, exposto vivo ou morto, dado como espetáculo. Desapareceu o corpo como alvo principal da repressão penal. (FOUCAULT, 1999, p. ?).

A contemporaneidade traz consigo os múltiplos olhares dos novos tempos, mas não conseguiu abandonar a unilateralidade do moderno, construindo assim ambientes de incertezas e conflitos para aqueles menos preparados, tornando-se réus para experimentação das novas técnicas de suplício destes tempos, que como nos disse Foucault quando afirmou que o suplício seria uma “arte de reter a vida no sofrimento, subdividindo-a em mil mortes e obtendo, antes de cessar a existência, as mais peculiares agonias” (FOUCAULT, 1999, p. ?).

Veem-se aqui verdadeiras máquinas de tortura que escrevem a sentença na carne de seus réus, neste caso em sentido figurado, e não como nos apresentou Kafka em “A Colônia Penal”, um romance que descreve as bárbaras torturas infringidas por uma terrível máquina funcionando como o espelho de um Estado totalitário e terrorista que Kafka tanto temia, tendo na força das punições o corpo como principal alvo de repressão. Mas os elementos constitutivos principais do sofrimento e da pena na contemporaneidade não mais se calcam no sofrimento físico e na dor do corpo,

respeitando as devidas proporções, é claro, o suplício da contemporaneidade, que é velado e ao mesmo tempo atroz, deixa agora suas marcas na psique, e não mais no corpo, como já mostrou Foucault.

Se não é mais ao corpo que se dirige a punição, em suas formas mais duras, sobre o que, então, se exerce? A resposta dos teóricos – daqueles que abriram, por volta de 1780, o período que ainda não se encerrou – é simples, quase evidente. Dir-se-ia inscrita na própria indagação. Pois não é mais o corpo, é a alma. A expiação que tripudia sobre o corpo deve suceder um castigo que atue, profundamente, sobre o coração, o intelecto, à vontade, as disposições. A verdade é que punir, atualmente, não é apenas converter uma alma. (FOUCAULT, 1999, p. ?)

Fica claro aqui, que o que se destaca como suplício da contemporaneidade é o *bullying*, pois como já se afirmou, está presente por toda parte onde existem relações interpessoais: dêis da família, que é, em tese, reduto moral da sociedade, até as prisões, local onde já se subtende um alto grau de conflitos, mas também se encontra este fenômeno nas forças armadas, nos locais de trabalho, asilos de idosos, em condomínios residenciais e também na escola, que é aqui objeto de análise.

No Rio de Janeiro, por exemplo, a questão da violência nas escolas é tão preocupante que o Ministério da Educação (MEC), em parceria com o Centro Latino-Americano de Estudos de Violência e Saúde Jorge Carelli (Claves), da Fundação Oswaldo Cruz, criou um curso de atualização destinado a professores da rede pública para o enfrentamento da violência e defesa dos direitos na escola. O curso foi destinado a mais de 700 profissionais no Estado do Rio.

A violência na escola pode traduzir-se nas mais diversas ações, mas são as ofensas verbais, aparentemente menos graves, que revelam a realidade da escola contemporânea, pois se caracterizam por atitudes discriminatórias, segregatórias e humilhantes, cujas consequências são dificilmente mensuradas ou percebidas, sendo este caso conhecido como o já citado *Bullying*, bastante frequente.

O fenômeno *bullying* trata-se de um problema mun-

dial da sociedade contemporânea, que vem se disseminado largamente nos últimos anos. Em pesquisas realizadas, inicialmente no interior do estado de São Paulo, pelo Ceats/FIA (Centro de Empreendedorismo Social e Administração em Terceiro Setor) para a ONG Plan Brasil, em estabelecimentos de ensino públicos e privados, com um universo de 1.761 alunos, comprovou-se que 49% dos alunos estavam envolvidos no fenômeno. Desse, 22% figuravam como “vítimas”; 15% como “agressores” e 12% como “vítimas-agressoras”.

O *bullying* é um conceito específico e muito bem definido, uma vez que não se deixa confundir com outras formas de violência. Isso se justifica pelo fato de apresentar características próprias, dentre elas, talvez a mais grave, seja a propriedade de causar “traumas” ao psiquismo de suas vítimas e envolvidos. Estudiosos do comportamento *bullying* entre escolares, entre eles Fante (2005), identificam e classificam assim os tipos de papéis sociais desempenhados pelos seus protagonistas: “vítima típica”, como aquele que serve de bode expiatório para um grupo; “vítima provocadora”, como aquele que provoca determinadas reações contra as quais não possui habilidades para lidar; “vítima agressora”, como aquele que reproduz os maus-tratos sofridos; “agressor”, aquele que vitimiza os mais fracos; “espectador”, aquele que presencia os maus-tratos, porém não o sofre diretamente e nem o pratica, mas que se expõe e reage inconscientemente a sua estimulação psicossocial.

Algumas iniciativas que parecem ter sido bem sucedidas foram implantadas em escolas dos mais diversos países, na tentativa de reduzir esse tipo de comportamento. De forma pioneira no Brasil, foi implantado um programa antibullying, denominado de “Programa Educar para a Paz”, coordenado, elaborado e desenvolvido pela professora Dra. Cleo Fante, em uma escola de São José do Rio Preto. Como resultado, obtiveram índices significativos de redução do comportamento agressivo e expressiva melhora nas relações entre alunos e professores, além de melhorias no desempenho escolar. O resultado das pesquisas

iniciais, que detectava em torno de 26% de práticas *bullying*, já no segundo semestre de implantação do programa caiu para 10%; e após dois anos, o resultado mostrava que se havia chegado a patamares toleráveis, com índices de apenas 4%.

É navegando por estes caminhos que se entende o *bullying* como um fenômeno social da contemporaneidade, que traz consigo uma série de problemáticas típicas destes tempos de incertezas e desarticulações constantes, onde esta geração conflituosa demonstra a todo o momento mal-estares, aflições, inseguranças e ansiedades, reafirmando a complexidade destes novos tempos

3 BULLYING: UM ESTUDO DE CASO

Antes de tudo é preciso esclarecer que aqui se inicia de um caráter metodológico qualitativo, mas primeiro é necessário esclarecer que metodologia aqui, é entendida como o conhecimento crítico dos caminhos do processo científico, indagando e questionando acerca de seus limites e possibilidades (DEMO, 1989). A metodologia é, pois, uma disciplina instrumental a serviço da pesquisa; nela, toda questão técnica implica uma discussão teórica.

A objetividade deste trabalho, portanto, provém de critérios que foram definidos pelo pesquisador em relação aos problemas que se está investigando, dando a esta pesquisa caráter qualitativo, onde a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo investigativo.

A pesquisa qualitativa é definida como aquela que privilegia a análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais, realizando um exame intensivo dos dados, e caracterizada pela heterodoxia no momento da análise. Enfatiza-se a necessidade do exercício da intuição e da imaginação pelo sociólogo, num tipo de trabalho artesanal, visto não só como condição para o aprofundamento da análise, mas também — o que é muito importante — para a liberdade do intelectual. (MARTINS, 2004).

Aqui se trabalha com observações e entrevistas.

As observações objetivaram recolher o maior número possível de dados e elementos empíricos, o que possibilitou a construção de um ambiente adequado à análise do meio e dos indivíduos que estão inseridos, pois assim consegue-se entender as motivações da violência no contexto da escola, pois desse modo analisa-se o *bullying* como uma das principais manifestações da violência contemporânea.

A pesquisa se utilizou ainda das chamadas entrevistas semiestruturadas, que foram realizadas pelos pesquisadores, possibilitou acesso a informações além do que se listou a princípio, orientando desse modo o aprofundamento das investigações, além de uma série de pontos de vista que se tivemos.

Portanto, neste trabalho, de caráter qualitativo, foi através da análise do discurso e da observação dos comportamentos que foi feita a leitura destes, pois assim compreendeu-se como a relação entre pares dentro e fora da escola contemporânea acontece, e assim refletiu-se a cerca da violência escolar, analisando o *bullying* como um fenômeno social da contemporaneidade, tendo o processo e seu significado os focos principais para esta abordagem.

3.1 PRIMEIRO CASO

A primeira experiência se deu no ano de 2009, em Aracaju, capital de Sergipe com mais de 505 mil habitantes, concentrando nesta pesquisa o olhar em uma escola da rede pública de ensino situada na zona sul da cidade. Trabalhou-se com um universo de 178 estudantes, que estavam divididos em quatro turmas de 6º ao 9º anos do ensino fundamental. Como mecanismo de pesquisa utilizou-se as entrevistas semiestruturadas, que eram compostas de quinze perguntas, objetivas e subjetivas, que visavam detectar os tipos de violência que sofriam os alunos durante o cotidiano escolar, para daí se poder identificar as condutas *bullying*.

O objetivo central nesta coleta de informações era

diagnosticar, ou não, a existência do fenômeno e seus indicadores, para isso tomou-se como parâmetro a divisão tipológica feita por Fante (2005) para identificar os envolvidos na prática *bullying*: vítimas; agressores e vítimas-agressoras.

Assim, concluiu-se que 78% dos alunos desse grupo envolveram-se em condutas violentas neste ano letivo. Sendo, 45% consideradas casos de *bullying*; onde 21% eram vítimas; 17% eram agressores e 7% vítimas agressoras.

Ao se observar as condutas *bullying* mais comuns percebeu-se que os maus tratos verbais e psicológicos foram os mais comuns; seguidos pelas agressões físicas.

3.2 SEGUNDO CASO

O segundo estudo foi realizado em 2010, também em Aracaju, mas dessa vez se voltou o olhar para uma escola da rede particular de ensino situada igualmente na zona sul da cidade. Trabalhou-se com um universo de 215 estudantes, que estavam divididos em quatro turmas de 6º ao 9º anos do ensino fundamental e em duas turmas de 1º e 2º anos do ensino médio. Também com mecanismo de pesquisa utilizou-se as entrevistas semiestruturadas, aplicadas dessa vez para alunos e professores, ambas compostas de quinze perguntas, objetivas e subjetivas. Promoveu-se ainda observações mais frequentes no espaço escolar, inclusive nos horários de intervalos, visavam assim detectar os tipos de violência que sofriam ou praticavam os estudantes, para daí se poder identificar as condutas *bullying*.

Tomou-se, também, aqui como parâmetro a divisão tipológica feita por Fante (2005) para identificar os envolvidos no fenômeno *bullying*: vítimas; agressores e vítimas-agressoras.

Assim, concluiu-se que 82% dos alunos desse grupo envolveram-se em condutas violentas neste ano letivo. Sendo, 47% consideradas casos de *bullying*;

onde 25% eram vítimas; 16% eram agressores e 6% vítimas agressoras.

Já tomando como base as informações passadas pelos professores teve-se resultados um pouco diferentes, onde 89% do universo pesquisado envolveu-se com algum ato de violência no corrente ano letivo, sendo destes 49% identificados por nós como pratica *bullying*; onde 28% era vitimas; 11% agressor e 10% vitima - agressora.

No ranque de condutas *bullying* há os maus tratos verbais e psicológicos, com apelidos, ameaças, intimidações e rumores maldosos; logo em seguida vêm os maus-tratos físicos, onde são mais comuns chutes, beliscões, tapas e murros, estes quase sempre envolvidos no que alguns alunos chamam de brincadeiras, como a famosa “pedra, papel e tesoura”.

4 ALGUMAS EXEMPLIFICAÇÕES PARTICULARES DO FENÔMENO

As intrigas e desconfortos causados por estudante durante o cotidiano escolar são frequentes e muitas vezes ficam escondidas aos olhos da sociedade, só sendo divulgadas ou discutida a público por especialistas quando os meios de comunicação as vinculam em meio a um discurso sensacionalista. Assim, destacam-se alguns exemplos de práticas *bullying* que são identificadas em meios às pesquisas para se poder exemplificar aqui como ocorrem, sempre buscando preservar de exposições desnecessárias nomes de vítimas e agressores e também as instituições:

1º caso - João Pedro, 11 anos e aluno do 6º ano do ensino fundamental de uma escola particular da cidade de Aracaju, vinha sofrendo de uma forma frequente perseguições dos meninos da sua classe, por não gostar de jogar futebol e também não participava das brincadeiras mais violentas que os meninos participavam, era dito como “fresco” ou mesmo “florzinhas” como seus próprios colegas o chamavam. Diante desta situ-

ação João foi ficando preterido do grupo dos garotos da sala, restando-lhe apenas buscar amizade com as garotas, o que lhe conferiu o apelido de “bicha”. Nessa situação João Pedro começou a não mais querer ir à escola, pois não queria mais servir de chacota para os meninos, chegando por algumas vezes a mentir para sua mãe que estava com dores de cabeça para poder ficar em casa, o que o fez até pensar em sair da escola.

2ª caso – Ana Maria, 12 anos e aluna do 7º ano de uma escola particular de Aracaju, vinha sofrendo muito, pois as garotas da escola não a queriam como amiga, pois ela estava acima do seu peso ideal, e isso a fazia ficar sozinha e sem colegas. Sem aguentar mais a situação de apelidos e piadas que faziam com seu nome na escola, escrevendo frases depreciativas até mesmo nas portas dos banheiros, Ana Maria procurou a coordenação da escola em busca de ajuda, para que os colegas parassem.

3º caso – Roberta, 14 anos aluna do 9º ano de uma escola pública em Aracaju, estava esquecendo seu caderno com frequência em casa, dando sempre justificativas sem sentido e desculpas infundadas para os professores, até que uma de suas amigas contou para uma professora que a aluna estava deixando o caderno em casa propositalmente, pois sempre que trazia para escola seu material, uma outra garota considerada sua inimiga, escrevia nos intervalos ameaças, mensagens e textos depreciativos a Roberta, desafiando-a até mesmo para lutas em frente à escola.

4º caso – Adriano, 13 anos aluno de uma escola pública não mais queria sair da sala de aula nos intervalos pois três garotos de outra turma o perseguia apelidando-o de quatro olhos, colocando o pé no corredor quando ele passava, furtando seus óculos e o chamando de cabra-cega, entre outros apelidos que o deixavam constrangidos e o intimidavam. A saída foi quando uma colega, que morava ao lado sua casa contou para mãe de Adriano e essa foi até a escola comunicar os fatos à direção.

5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

A contemporaneidade que ao mesmo tempo é plural e singular, múltipla e única, heterogênea e homogênea, cria um contínuo processo de construções e desconstruções que causa, em alguns casos, traumas muitas vezes irreversíveis, fazendo com que uma pluralidade de atores sociais opte, de modo recorrente, pela violência como forma de resolver conflitos, desencontros, desavenças, frustrações e lacunas, materiais e simbólicas, sendo o fenômeno *bullying* prática recorrente entre essas diferentes tomadas de atitude para conseguir enquadrar-se ou defender-se nestes tempos plurais.

As práticas *bullying* se disseminam com velocidade e proporções imperceptíveis aos olhos dos menos atentos, passando pelos observadores do caso quase que de forma invisível, mas adquirindo reações devastadoras e até em alguns casos irreversíveis, tanto para vítimas quanto para agressores, onde diferenças de gênero, etnia, classe social ou até mesmo níveis etários não trazem reais mudanças nas formas e graus de agressão.

Este fenômeno comportamental atinge a área mais preciosa, íntima e inviolável do ser, a moral, envolvendo a vítima, jovem ou criança, na primeira infância ou na transição desta para adolescência, tornando-a refém de um turbilhão de emoções, além daqueles que já se tem nessa fase, interferindo negativamente nos seus processos de aprendizagem devido ao excessivo estímulo de emoções de medo, de angústia e de raiva reprimida. Essa forte carga traumática pode interferir no desenvolvimento da sua autopercepção e autoestima, comprometendo suas capacidades de transformar-se em um adulto saudável.

Assim como afirmou Cleo Fante, esta forma de violência é de difícil identificação por parte dos familiares e da escola, uma vez que a “vítima” teme denunciar os seus agressores, por medo de sofrer represálias e por vergonha de admitir que esteja apanhando ou passando por situações humilhantes

na escola ou, ainda, por acreditar que não lhe darão o devido crédito. Sua denúncia ecoaria como uma confissão de fraqueza ou impotência de defesa. Os “agressores” se valem da “lei do silêncio” e do terror que impõem às suas “vítimas”, bem como do receio dos “espectadores”, que temem se transformarem na “próxima vítima”.

Neste contexto de traumatização que a escola contemporânea, também gera o que Baumam (2005) chama de “refúgio humano”, onde aqueles que não conseguem adaptar-se a estes novos tempos de incertezas, sendo este um produto inevitável do progresso da violência, também, dentro da escola contemporânea, que precisa desarmar a estrutura delimitadora e homogeneia que criou ao seu redor para poder estar preparadas para estes atuais problemas, pois estes vêm assumindo proporções que a instituição escolar não consegue ainda lidar, pois busca soluções globais, enquadrando os sujeitos envolvidos em um só contexto.

É no contexto da contemporaneidade que uma pluralidade de estilos e costumes, vindo com a modernidade, encontra-se totalmente radicalizada, exigindo dos sujeitos maior autonomia em suas ações, sendo necessária a criação de um espaço de flexibilidade, assim como defende Giddens (1990), pois num ambiente reflexivo as pessoas tornam-se mais solidárias e abertas para um relacionamento “puro”, baseado na confiança e no respeito, levando essas atitudes para o espaço público.

Novos olhares e outros aprofundamentos nesta temática, com certeza, levará a contribuições ainda mais significativas, para que se possa enquadrar a prática *bullying* dentro de um escopo resultante das múltiplas faces da contemporaneidade, aprimorando conceitos e bebendo em fontes que tragam mais dúvidas que certezas, mais problemas que soluções, assim como tem sido até hoje, mas sempre em busca de uma nova contribuição e não da verdade. Muito tem a ser feito para que se possa quem sabe prevenir a violência nas escolas e educar para paz.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Vidas Desperdiçadas**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização** - as consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1989.

FANTE, Cleodelice A. Z. **Fenômeno Bullying**. São Paulo: Verus, 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 20.ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**. São Paulo: Unesp, 1994.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

HOBBSAWM, Eric J. **Era dos extremos**: o breve século XX: 1914-1991; tradução Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KAFKA, Franz. **Na Colônia Penal**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LOWY, Michael. **Barbárie e modernidade no século XX**. Cadernos em Tempo, 2000.

MAFFESOLI, M. **A parte do diabo**: resumo da subversão pós-moderna. Rio de Janeiro: Record, 2004

MARTINS, H.H.T. **Metodologia Qualitativa de Pesquisa**. São Paulo: Educação e Pesquisa, 2004.

MATTOS, P.; LINCOLN, C. L.: A entrevista não-estruturada como forma de conversação: razões e sugestões para sua análise. **Rev. adm. publica**, 39(4):823-847, jul./ago. 2005

1. Mestrando em História da Universidade Federal de Sergipe (UFS), graduado em História pela Universidade Tiradentes (UNIT), é professor da rede particular de ensino na cidade de Aracaju/Sergipe. Reside na Rua Prof. João Carneiro de Melo. Número 25. Bairro Atalaia, Aracaju/SE. Contatos: leomatos.f@gmail.com ou (79) 9131-8013 e 9945-5356.

2. Doutorado em Educação Básica pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos _ UNISINOS (2004 Capes - Conceito 6), com bolsa Cnpq na Universidade da Sorbonné - França na área da Educação em Antropologia do Corpo. Possui pós doutorado pela Universidade Complutense de Madrid, na área de filosofia da Educação, através de bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq . É pesquisadora do ITP e professora PPG I da Universidade Tiradentes no Programa de Pós Graduação em Educação. Endereço Profissional: Instituto de Tecnologia e Pesquisa. Murilo Dantas, 300. Farolândia. 49032490 - Aracaju, SE - Brasil. Telefone: (79) 321822. Ramal: 2206. dfeldens@hotmail.com

Recebido em: 19 de Março de 2014

Avaliado em: 25 de Março de 2014

Aceito em: 25 de Março de 2014
